



Negro, gay e *drag*: o protagonista do curta “*Diamante, O Bailarina*”¹¹⁸

Bruno Pereira Mendes¹¹⁹

Ceição Ferreira¹²⁰

Universidade Estadual de Goiás - UEG

Resumo: Este trabalho analisa o curta metragem *Diamante, O Bailarina* (Pedro Jorge, 2016), que em seu título já destaca o nome e a habilidade de seu protagonista (um boxeador negro, gay e *drag queen*), por meio do qual busca-se, utilizando a pesquisa bibliográfica e a análise da construção narrativa e dos elementos da linguagem audiovisual, problematizar as representações sobre homens negros no audiovisual brasileiro contemporâneo, observando as intersecções de gênero, raça e sexualidade.

Palavras-chave: Homens negros. Audiovisual brasileiro. Gênero, raça e sexualidade.

Resumo expandido

Acerca da construção das masculinidades negras, Ribeiro (2015) pontua que as características de truculência e agressividade são atribuídas aos homens negros, ressaltando assim o domínio do corpo, dos instintos, em detrimento da razão, da capacidade intelectual. Juntamente com esses aspectos, também a condição de subalternidade e a hipersexualização são constantemente exploradas em outras produções audiovisuais, reiterando assim a desumanização da população negra, empreendida pelo processo de escravização, o que incide na formação das identidades e subjetividades (HALL, 2006; SANTOS, 2014; SODRÉ, 1999).

Isso se deve porque as mensagens e imagens engendradas pelos meios de comunicação veiculam em seus discursos, as representações sociais, “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”, como aponta Jodelet (2001, p. 22).

Atentando-se para essa importância dos meios de comunicação e do cinema na construção e difusão das representações sociais, uma espécie de filtros que orientam a percepção e a compreensão dos indivíduos, é que este trabalho utiliza o curta metragem

¹¹⁸ Trabalho apresentado ao II SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 22 a 24 de novembro de 2017, na UEG Goiânia Campus Laranjeiras.

¹¹⁹ Graduando do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Email: brunomendes.cav@gmail.com

¹²⁰ Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília – UnB. Professora e pesquisadora do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Email: ceicaferreira.ueg@gmail.com



Diamante, O Bailarina (Pedro Jorge, 2016) como objeto de análise para problematizar a construção narrativa e a forma como os elementos da linguagem audiovisual são utilizados (JULLIER;MARIE, 2009) na elaboração das representações sobre homens negros na produção audiovisual brasileira contemporânea.

Diamante, interpretado pelo ator Sidney Santiago, devido ao seu domínio corporal e seus golpes que remetem a dança, ganha o apelido de “O bailarino”, se destacando como boxeador no local de treinamento, onde ninguém sabe que à noite ele se apresenta em uma boate LGBT como a *drag queen* Sahara Diamante. Esse protagonista sofre preconceito por parte dos outros lutadores e do treinador Cezão (vivido por João Acaiabe) por ser gay e o esporte não ser para “viado”, como o técnico de maneira homofóbica, afirma durante um dos treinos.

Em contraponto às representações audiovisuais mais comuns sobre homens negros (geralmente vistos em papéis secundários, sem relevância e hipersexualizados por meio do estereótipo do “negão”), esse curta ressalta dois homens negros: Cezão como treinador (lugar de poder dentro da trama) e a construção de Diamante, objeto da pesquisa, um homem negro, gay e *drag queen* no papel principal subvertendo visões pré-estabelecidas, já que ele transita nos territórios de gênero e sexualidade (LOURO, 1999).

Isso pode ser observado em duas sequências: 1-quando ele está na boate, se maquiando e se comporta de forma afeminada, dando indícios em sua fala e expressão corporal que gosta de atuar como passivo na relação sexual; 2- na sequência final do filme, quando finalmente é mostrada a performance artística de Sahara Diamante. Tais posturas se contrapõem às que o personagem precisa assumir na academia de boxe. Além do âmbito profissional, Diamante tem uma amiga, com quem mora junto; e durante a narrativa, ele se envolve com um rapaz, mas esta relação não é hipersexualizada.

Além desses aspectos que indicam como tal representação subverte os padrões, ainda é possível verificar no comportamento de Diamante a ênfase em alguns atos de truculência, como por exemplo, quando ele esbraveja com sua colega de quarto, colocando nela a culpa de não ter sido selecionado para o campeonato, ou quando provoca, bate e ameaça o companheiro de treino que foi escolhido em seu lugar.

Porém, forma geral, pode-se considerar que esse curta vai além dos rótulos comumente associados aos homens negros, ao abordar o protagonista com humanidade, com contradições, o que pode ser observado também quando lhe é dada a missão de vender



convites para seu show e fica no impasse se o faz ou não. No final, ele toma coragem e fixa um dos convites no quadro de avisos da academia de boxe, o que faz com que Cezão vá até a boate ver sua performance como a *drag* Sahara Diamante, mostrada com grande destaque no centro do quadro, o que pode ser indício de como o protagonista incita uma possível mudança de comportamento em seu treinador.

Referências

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____ (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. **Lendo as imagens de cinema**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Senac, 2009.

LOURO, Guacira L. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 9-34.

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homens Negros, Negro Homem: sob a perspectiva do feminismo negro. **REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, p. 52-75, ano 2, v. 2(2):2015.

SANTOS, Daniel. Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica. **Universitas Humanas**, v. 11, n. 1, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.